

Sessão em homenagem a Valter Pompeu

ANTÔNIO SALES

Meus caros consócios

Obedecendo à letra do nosso regimento, venho presidir a esta sessão, em que se comemora o recente desaparecimento de Valter Pompeu.

Esta homenagem lhe é tanto mais devida quanto a ele principalmente se deve a refundição desta Academia.

Concebida a idéia, comunicada a alguns amigos, ele, com o dinamismo que caracterizava seus atos, tratou de pô-la em prática sem demora.

No seu dicionário, como no de Bonaparte, não havia a palavra impossível, e parece que os obstáculos não eram mais do que aperitivos para seu apetite de lutador.

Todas as dificuldades foram por ele vencidas, uma a uma, com a força insopitável de sua musculatura mental.

Minha casa, então no Alagadiço, ele a tomou de assalto certa manhã em que me apareceu acompanhado do grande e saudoso José Sombra.

Pouco gregário por temperamento, embora não seja forte, como são os animais solitários, eu estava vivendo nestes últimos tempos à margem dos sodalícios de qualquer espécie, não por soberba, que é pecado de que me não acuso, mas por uma timidez inata e também pelo cansaço patológico de uma existência já um tanto dilatada.

Valter Pompeu não aceitou nenhum argumento com que eu me escusava a atender a seus apelos para que me incorporasse à academia em via de fundação.

Para a sua vontade indomável as palavras só tinham o sentido que ele lhes queria dar, e assim dizer-lhe—não—era a mesma cousa que se disséssemos—sim.

Foi, pois, com uma série de negativas de minha parte que ele conseguiu a minha aquiescência.

Eu quis experimentar se de longe mais facilmente ele aceitaria a vontade dos outros, e escreví-lhe uma carta pedindo que me dispensasse de acompanhá-lo em sua aventura.

No dia seguinte ele me apareceu em casa, tirou minha carta do bolso, rasgou-a em pedacinhos, que atirou à cesta dos papéis.

Não me arrependo agora de me haver submetido, e é com prazer que me sento entre estes amigos, que são obreiros do edifício cultural da nossa terra.

Nossa Academia, ainda tão jovem, perdeu em Valter seu principal genitor.

Depois que aqui estive, reingressando no Exército, sua vida foi a imagem fiel de seu temperamento de lutador.

Havia um determinismo orgânico que o impelia para as arenas onde sua coragem achava ensejo de se exercer.

Não discutamos as razões de seus gestos desde que ele nos deixou. Seu espírito era como uma criança que corre atrás da utopia de uma borboleta, que pode ser azul, pintalgada ou vermelha. E procurando apanhá-la, vai de encontro aos óbices, que não pode evitar, machuca-se, cai e às vezes morre.

Nosso pranteado companheiro, apesar de jovem e vigoroso, gastou sua vida correndo atrás da quimera de uns ideais que o fascinavam como o velôcino de ouro dos Argonautas.

Pena é que essa energia vital, servida por uma clara inteligência, não se houvesse consagrado toda às atividades do espírito, as quais certamente lhe haveriam proporcionado gloriosas conquistas.

As saudades da Academia serão expressas pelo orador oficial desta reunião, o consócio Josafá Linhares, a quem dou a palavra neste momento.

JOSAFÁ LINHARES

Ilmo. Sr. Presidente da Academia Cearense de Letras,

Ilustres confrades,

Minhas senhoras,

Meus senhores,

Disse algures Vitor Hugo, e, se me não engano, em uma das páginas imortais de «Os Miseráveis», que há dois infinitos : um acima do homem, que é Deus, e outro no próprio homem, que é o coração.

Abismo insondavel, arcano imperscrutavel, infinito imensuravel, se assim me posso expressar, é o coração do homem.

Nos seus escaninhos impenetraveis, que formam um mundo desconhecido, se alojam paixões e virtudes, esperanças e desilusões, resignação e desespero, ódio e amor.

Cristo, no Horto das Oliveiras, orando pela humanidade, e Nero, qual artista, gozando o incêndio de Roma, sentiam diferentemente, mas o coração do homem é sempre grande, imensuravel, infinito.

Numa divindade temos Jesús sentindo as dores e a maldade dos homens.

No homem temos Neros incendiários que se multiplicam através dos séculos.

Hoje o gênio do mal criou asas. E das alturas, a que ascende, vai incendiando e bombardeando cidades, causando a viuvez e a orfandade, a miséria por toda parte.

Mas temos tambem Francisco de Assiz abraçando o morfético, e só isso compensaria todos os sofrimentos do Getsémane.

E se, na expressão do genial romancista, unir os dois infinitos—o coração do homem a Deus—é o que se chama orar, unir os corações dos homens, evocar, numa hora de saudade, os que viveram e palpitaram conosco, sentiram as mesmas alegrias e as mesmas dores, procurar compreender as suas fra-

quezas e ressaltar as suas virtudes, é o que, no símbolo dos apóstolos, se chama a comunhão dos santos.

* * *

Ilustres confrades,

Estamos aqui reunidos numa hora de evocação e de saudade.

Valter Pompeu fazia parte desta casa, comunicava conosco os mesmos ideais.

Ele foi, na última fase de recomposição da Academia Cearense, o espírito coordenador que conseguiu congregiar os elementos que integram este illustre grêmio de letras, no qual ocupava a cátedra patrocinada pela figura impar de Capistrano de Abreu.

Sempre esteve voltado para as cousas do espírito.

Como estudante de Direito, mourejava na imprensa.

Dedicou-se depois aos estudos de História e nos deixou, em «Ceará-Colônia», um resumo apreciável da nossa vida colonial.

Bacharel em ciências jurídicas e sociais, oficial do Exército Brasileiro, onde quer que estivesse, sempre era um elemento destacado da classe, que procurava honrar, dignificando a pátria.

Bacharel, tinha cultura e talento; militar, possuía brio e patriotismo.

* * *

Apreciando o seu trabalho sobre a nossa história colonial, já tive de me manifestar em outra ocasião.

Entre os quinze capítulos de «Ceará-Colônia», três sobretudo me chamaram a atenção pela sua significação sociológica, podendo-se afirmar constituiriam eles a parte central do livro.

São os capítulos IX, X e XI, com os títulos, respectivamente, de Companhia de Jesús, Povoamento do Interior da Capitania e O Drama do Povoamento.

Valter Pompeu, não há dúvida, soube descrever a formação da nossa sociedade sertaneja, fugindo às cronologias enfadonhas que tanto empolgam os nossos historiadores.

Desprezando os pormenores da administração na costa, entrelaçados com os alvarás do Reino, volta-se para o interior da Capitania, onde uma raça, forte e intrépida, de vaqueiros e agricultores, se movimentava, esquecida e resignada, criando o Ceará.

Terras apropriadas ao pastoreio e à lavoura, para o sertão cearense afluíram aventureiros audazes das margens do S.-Francisco à procura de campos para a criação e a agricultura.

Eram esses colonizadores, porém, não só «mais enérgicos, mais audaciosos e mais combatentes do que os *predadores de índios*», no dizer do autor, mas ainda superiores e com uma finalidade mais nobre do que a dos próprios bandeirantes paulistas.

E' que, segundo magistralmente descreve o admirável lapidador de «Os Sertões», «não nos demos em arrojada hipótese admitindo que esse tipo extraordinário do paulista, surgindo e decaindo logo no sul, numa degeneração completa ao ponto de declinar no próprio território que lhe deu o nome, ali (no vale do meio S.-Francisco) renascesse e, sem os perigos das migrações e do cruzamento, se conservasse, prolongando, intacta, ao nosso tempo, a índole varonil e aventureira dos avós».

Eis porque, na expressão entusiástica e empolgante do autor de «Ceará-Colônia», «os pruridos das grandes aventuras, a resistência heróica a todos os embates da natureza, a coragem espartana e mais a capacidade de adaptação a qualquer condição biológica são qualidades que definem esse povo superior», —o cearense.

Valter Pompeu nos desperta, de certo, o amor e a admiração pela nossa terra, pela nossa gente.

E compreendemos, igualmente, a justeza do conceito de Euclides da Cunha, quando nos diz que «aquela sociedade, incompreendida e olvidada, era o cerne vigoroso da nossa nacionalidade».

Mas esse afluir dos curibocas baianos aos campos cearenses era, como diz o autor, «o deslocamento centrífugo que, vindo encontrar-se com aquele outro (o da costa para o interior), deveria completar a sinergia da colonização».

Nesse tempo já existia, de fato, um esforço pela formação da nossa sociedade, sendo nele *magna pars* o jesuíta.

Contrapõe-se o autor à opinião de Joaquim Catunda sobre a tupanização de Deus e, consequentemente, a modificação do monoteísmo católico para um melhor êxito na catequese dos índios, e observa que o cristianismo jamais precisou transigir, nem mesmo com o paganismo greco-romano, «para converter o occidente à nova doutrina revolucionária e pura».

Não teve razão Catunda como igualmente a não teve o autor.

A missão do jesuíta seria, como foi, procurar inculcar no aborígene as doutrinas puras de uma religião superior, muito embora elas se deturpassem, depois, ao contacto de crenças inferiores.

Se frustrada a sua tentativa, preservou, pelo menos, a raça, de outra maneira indefesa da cobiça dos aventureiros, até quasi a sua diluição no cruzamento com o branco, determinando o mameluco.

Porque, deixando de lado, para me não alongar demasiado, a conversão do occidente ao monoteísmo judaico, as doutrinas católicas, no continente americano, haviam de, por força, se mesclar, não só ao animismo indígena, mas ainda ao fetichismo africano.

Deu-se com a religião o mesmo que sucedera com a raça.

Esta, ao menos, se conservou quasi extreme de sangue de negros, ao passo que o elemento servil contribuiu assustadoramente na formação mística do nosso homem rude.

As procissões e os flagícios, que denunciam «o aspecto emocional da raça superior», se misturam às práticas mais grosseiras, assim como os terrores do inferno se juxtapõem às credenças de *mães-d'agua*, *caiporas* e *lobishomens* a afligir a mente apoucada do nosso sertanejo.

Os três capítulos anunciados constituem pois a parte central do livro.

Deles se pode partir em considerações pelos demais que enfeixa.

Mostram-nos a raça com a sua laminação social, com a sua formação religiosa, com as qualidades primordiais que se vão refletir nos acontecimentos posteriores.

Não tenho esse afã de esquadriñar as minúcias de nossa história.

Certo os cronologistas desempenham nobre missão.

Preparam os elementos indispensaveis para os estudos de síntese social.

Valter Pompeu, colhendo os fatos principais da nossa vida colonial, no-los apresenta de uma maneira agradável, contribuindo para podermos ter uma idéia do valor histórico da nossa raça.

* * *

Mas eu não queria aqui traçar o homem intelectual ou o militar bravo e digno, que todos nós conhecemos.

Pretendia apenas evocar alguns episódios de sua vida que, ao meu ver, traçam bem o seu perfil moral, porque Valter Pompeu foi, antes e acima de tudo, um homem de coração.

Bom filho, bom esposo, bom irmão, bom amigo — eis, em suma, o que ele foi.

Conheci-o, pela primeira vez, em uma banca de café. Ele, estudante do Liceu; eu, simples caixeiro.

Nessa ocasião se me apresentou com aquele seu gênio arrebatado, numa discussão a respeito do «Discurso de Bossuet sobre a História Universal».

E quasi brigamos, grandes amigos que sempre fomos depois.

E' que alguma cousa nos ligava. Era a afinidade de espírito, não obstante temperamentos tão dessemelhantes; era o seu grande coração a se manifestar em todas as ocasiões, mesmo as mais críticas de sua vida.

Pertencente a uma das mais ilustres famílias do Ceará, herdou as suas nobres qualidades de inteligência, e o seu coração só encontrava afinidades com os que liam e pensavam.

Era, no entanto, um paradoxo.

Militar dos mais bravos, tinha a alma de civil. Temperamento nervoso e impulsivo, era homem de espírito e de coração.

Excluído da Escola Militar, devido à revolta de

1922 contra o governo Epitácio Pessoa, voltou ao Ceará e ingressou na Faculdade de Direito, onde, mais uma vez, o encontrei e nos tornamos amigos e companheiros em todas as campanhas estudantinas daquela época.

Veio, nesse tempo, governar o nosso estado o dr. Matos Peixoto, preclaro mestre de Direito do nosso Instituto de Ensino Superior e conspícuo membro desta Academia de Letras.

Valter Pompeu, jamais renegando a sua fé revolucionária, era amigo particular do então Presidente do Estado, que não desconhecia as suas convicções políticas.

Deffagrado o movimento de 1930 e, em consequência, deposto do governo o dr. Matos Peixoto, Valter Pompeu não teria outro caminho a seguir, senão apresentar-se, como fez, às autoridades militares do momento, na qualidade de ex-cadete de 1922.

Acusaram-no por isso. No entretanto, no Rio, foi sempre um grande e dedicado amigo da família Matos Peixoto; de quem a malícia humana diz ter sido ele o último visitante.

E' exagero, de certo. Envolve isso, naturalmente, uma crítica acerba à pequenez e à ingratidão dos homens, mas não deixa de ser altamente elogioso ao carater de Valter Pompeu que, mesmo de entre as cortinas do Palácio Presidencial do Ceará, afirmava as suas idéias revolucionárias, em contraste flagrante com os aplausos unânimes dos que se tornaram depois inimigos, ou estranhos, do presidente deposto.

* * *

Tenho conhecido muitos amigos e companheiros que, balançados por brisas mais benéficas, se apresentam reservados quando se não tornam indiferentes ou parecem desconhecidos.

Valter Pompeu não era assim.

Em qualquer ocasião, em qualquer posição que viesse desfrutar, era o amigo de sempre.

No Ceará, no Rio-de-Janeiro, em S. Paulo, nunca desconheceu os seus amigos. Sempre prestimoso e incansavel em atender a todos.

Para ele o amigo era sempre uma razão de agir, se as circunstâncias o exigissem.

A adversidade o colheu, mas nem assim deixou de ser o mesmo Valter Pompeu, alegre e jovial, e, mais do que isso, sempre pronto a servir os seus amigos.

O seu desaparecimento foi inopinado.

A sua morte compungiu a todos e foi uma perda irreparável para a família, para os amigos, para o Brasil.

* * *

Ninguém pode compreender os desígnios divinos.

O homem é sempre impotente diante do sobrenatural.

A inteligência humana é incapaz de abraçar a razão suprema das cousas, de perquirir o porquê dos fatos, que se sucedem ininterruptamente, de fazer-nos escapar à ação benfazeja ou adversa dos acontecimentos que nos atingem na frieza esmagadora do que tem de ser.

O homem sente-se esmagado diante de um mundo que a sua vaidade pretende subjugar.

E só lhe resta alçar o espírito, reconhecer que a própria inteligência é impotente porque é apenas um reflexo diminuto da inteligência divina, unir o seu coração a Deus numa ânsia incontida de atingir à unidade com a volta ao infinito.

E', num momento como este, que o nosso espírito se concentra, os nossos corações se unem e sentem que um coração amigo se alou, para sempre, ao desconhecido que nos aguarda.

E' uma evocação que fazemos.

E' um ato de saudade que praticamos.

E', na grandeza infinita dos nossos corações, a comunhão espiritual dos homens de boa vontade.

* * *

De pé, unamos o nosso espírito, num minuto de concentração, ao espírito amigo que se integrou no eterno.